

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

É mais um tempo de formação, reflexão, oração e convívio, entre pessoas que, em ambiente de retiro espiritual, vêm de paróquias dos vários cantos da Diocese, para melhor aprofundarem e experienciarem a sua Fé. Os 3 dias de Encontro, que ficam inesquecíveis para quem neles participa, terminam no sábado à noite, com o Encerramento presidido pelo nosso Bispo, D. José Augusto, no Auditório do Centro Paulo VI.

Como seria bom que também da nossa paróquia alguém participasse! Nos tempos em que estamos, todos os cristãos que têm consciência de o serem, precisam de um tempo de paragem, reflexão e formação, seja nestes Encontros de Cursilho ou em outros semelhantes.

O próximo Cursilho, para Homens, realizar-se-á de 3 a 6 de Março.

Peçamos, na nossa oração ao Senhor, pelo bom êxito deste tipo de iniciativas.

Ofertório para a nova igreja: No Ofertório mensal de Janeiro para a igreja

nova, em 10 envelopes e notas e moedas soltas, foram entregues os seguintes contributos: Pe. Manuel José Torres Lima – 150 € (por transferência bancária); Anónima – 100 €; Notas e moedas soltas – 45,34; Anónimo – 30 €; Maria Martins Freitas e 1 anónimo – 20 € cada; 3 anónimos – 10 € cada; Madalena de Sousa Pereira e 1 anónimo – 5 euros cada. Total entregue – 405,34 €. Um grande “Bem hajam” para os que contribuíram!

Donativos para a nova Igreja e Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Arménia Alves da Rocha – 20 € (mensal); Arminda da Conceição Oliveira Rodrigues Gomes – 20 € (referente a venda de bolos); José Augusto Almeida Faria – 30 € (mensal); José Soares Amorim – 50 €; Manuel Fernandes Pereira e Etelvina Freitas Viana – 20 € (mensal); Anónimo – 5 €; Apolinário Américo Araújo Alves – 250 €. Bem hajam!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
25	Seg	18,30	Justino Oliveira e familiares; Amadeu Catarino, esposa e filho; António Reto; Álvaro Gonçalves de Araújo; Armando Cunha Ramalho
26	Ter	18,30	Etelvina Martins de Sousa Miranda
27	Qua	18,30	Joaquim da Silva e Margarida Silva; José Ramos e Teresa Loureiro; António Martins Ramos
28	Qui	18,30	Etelvina da Cunha Costa, José Martins Barbosa, Maria Martins Barbosa e Manuel Gonçalves da Balinha; Adélia Ernestina Meira Viegas; Félix Guimarães Barbosa; Venceslau Oscar de Abreu Cardoso
29	Sex	18,30	Ana Gonçalves de Barros e Joaquim Rodrigues; Almerinda Ribeiro Pereira e João Gonçalves Fernandes
30	Sáb	18,30	António Gonçalves Vieira; Maria Gonçalves Lima (aniv.)
31	Dom	10	Vítor Manuel; Manuel da Silva Caridade; Arnaldo Passos Viana e José Lino de Freitas Ferreira

PARÓQUIA VIANA

N.º 471 – 24/01/2010

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



3.º Domingo Comum – Ano C



«Segundo o seu costume, entrou na sinagoga a um sábado e levantou-se para fazer a leitura. ... ao abrir o livro, encontrou a passagem em que estava escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu ...” Começou então

a dizer-lhes: “Cumpriu-se hoje mesmo esta passagem da Escritura que acabais de ouvir”» (Evangelho)

Entre Ruínas

Por: António Rego

Neste oceano de ruínas perguntamos pela bondade de Deus, pela ordem do universo, pela inteligência harmoniosa das forças da natureza.

O Haiti entrou no grande teatro do mundo por motivos bem diferentes daqueles por que frequentemente era noticiado: as crises políticas e os golpes de Estado. À notícia do sismo sempre se juntou uma outra não menos dramática: a pobreza. Um dos países mais pobres do mundo, foi o subtítulo que sempre acompanhou as grandes manchetes sobre um sismo que teve apenas mais um ponto do que aquele que recentemente nos atingiu. Poderíamos ter sido nós.

Um acontecimento desta ordem, num grau de tragédia tão intenso, deixa-nos sempre um oceano de questões que vamos

arrumando desajeitadamente até que o tempo nos canse, as imagens nos saturem e um outro evento nos mude os registos da emoção. Desta vez não foi excesso de chuvas, desabamentos, furacões, possivelmente por maus-tratos que vamos dando à gestão do frio e do calor nos nossos mecanismos de civilização. Desta vez não sabemos bem o que há a fazer com placas tectónicas que se movem poucos quilómetros abaixo do mar e estoiram com o rés-do-chão do nosso planeta onde construímos as nossas casas e desenhamos as nossas cidades, desde o barracão rudimentar ao palácio presidencial.

Neste oceano de ruínas perguntamos pela bondade de Deus, pela ordem do universo, pela inteligência harmoniosa das forças da natureza. E deixamos, primeiro, tudo cair num magoado silêncio. Paradoxalmente a todas as perguntas que a morte e o sofrimento nos lançam, juntamos sempre uma: “a quem iremos, Senhor?” E podemos percorrer o pranto que se espalha em muitos salmos, as desolações que são lamentadas pelos profetas, as dores e ruínas que foram acompanhando a humanidade que cronistas, pintores, poetas e místicos plangeram. A Jerusalém destruída, o povo no exílio, o pranto e as lágrimas. E a cruz, com a sua dramática contradição, apenas iluminada no mistério de Deus. Quem mais nos poderá aquietar o coração?

(Continua na pág. 3)

3.º Domingo do Tempo Comum – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: *Ne. 8, 2-4a.5-6.8-10*

2.ª leitura: *1 Cor. 12, 12-30*

Evangelho: *Lc 1, 1-4; 4, 14-21*

- Palavra e Missão -

Os textos deste domingo dão-nos a perceber a importância que a proclamação e a escuta da Palavra de Deus tinha na liturgia do povo judeu do Antigo Testamento. Esta importância é-nos revelada no texto de Neemias, não só pelo tempo a ela dedicado, mas também pelo cerimonial que a envolvia e pela posição estratégica donde era feita a sua proclamação.

Daí o realce dado à forma – “clara e distinta” – como a Palavra de Deus era proclamada e o empenho posto numa explicação cuidadosa, “de maneira que se pudesse compreender a leitura” feita. No texto do evangelho, também se pode intuir esta solenidade pela forma como Jesus desenrola o livro que lhe tinha sido entregue e ‘encontra’ o texto a ser proclamado.

Na maioria das comunidades cristãs ainda resta um longo caminho a ser percorrido para que a proclamação da Palavra de Deus recupere este seu estatuto, que passa não só pela maneira como os leitores/proclamadores se aproximam do ambão e se apresentam para este ministério, mas sobretudo pela qualidade da sua proclamação, que tem de ser bem audível e facilmente compreensível por quantos a escutam.

Este é um primeiro passo, mas indispensável, para que a Palavra de Deus possa ser acolhida no coração dos ouvintes e aí se transforme em luz e guia para as suas vidas. Com efeito, não se trata de uma palavra qualquer, mas reconhecida e acolhida como palavra de vida, palavra de salvação, palavra de missão, destinada a orientar e dar sentido a toda a nossa vida.

Na verdade, aos ouvintes de Esdras não foi dito apenas: “ide para vossas casas, comei uma boa refeição e tomai bebidas doces”, mas também “e reparti com aqueles que não têm nada preparado”. E no texto evangélico, é o próprio Cristo que se apresenta como a encarnação e concretização da profecia feita por Isaías: “o Senhor ungiu-me e enviou-me ... a proclamar o ano da graça do Senhor”.

Com razão, a Carta aos Hebreus nos apresenta esta Palavra como “viva e eficaz, mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até ao ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam” (Heb. 4, 12). É ela e só ela que pode fazer de nós todos, apesar de diferentes e com dons diversificados, um só corpo, como nos recorda S. Paulo na 2.ª leitura.

Por isso, S. Tiago nos aconselha: “Sede praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo-vos a vós mesmos. Quem ouve a Palavra e a não pratica, é como alguém que observa o seu rosto num espelho; observa-se a si mesmo e depois vai-se embora, esquecendo a própria aparência. Mas, quem se concentra, não como ouvinte distraído, mas praticando o que ela ordena, esse encontrará a felicidade no que faz” (Tg. 1, 22-25).

Como Jeremias, também nós devemos poder afirmar: “Quando recebi as Tuas palavras, eu as devorava. A Tua palavra era festa e alegria para o meu coração, porque eu levava o Teu nome, ó Javé, Deus dos exércitos!” (Jer. 15, 16).

Pe. José de Castro Oliveira

INFORMAÇÕES

Festa do Padroeiro: Nos próximos dias 6 e 7 de Fevereiro, fim de semana seguinte ao aniversário da criação da nossa paróquia (2 de Fevereiro, dia litúrgico da Apresentação do Senhor), realizar-se-á, nos moldes habituais, a Festa do nosso Padroeiro, o Senhor do Socorro, o mesmo é dizer, Jesus Cristo, o Filho de Deus, nosso Senhor e Salvador. Do Programa da Festa consta: Sábado, dia 6: às 15 h. – Visita guiada às obras de construção da nova igreja; às 18,30 h. – Eucaristia na capela provisória; 19,30 h. – Jantar/Convívio Paroquial, no Jardim de Infância; Domingo, dia 7: às 10 h. – Eucaristia Solene, no Seminário Diocesano.

O pároco apela à mobilização de todos os grupos paroquiais para uma grande participação nesta Festa e, este ano, sobretudo na Visita guiada às obras da nova igreja.

Inscrições para o Jantar/Convívio da Festa do Padroeiro: No próximo dia 6 de Fevereiro, a partir das 19,30 h., realizar-se-á mais um Jantar/Convívio Paroquial, integrado na Festa do Padroeiro, o Senhor do Socorro. Para inscrições, dirija-se ao Centro de Convívio, nas horas de funcionamento: das 14 às 18,30 h. No acto da inscrição, cada um, de acordo com a sua consciência, dará a sua contribuição voluntária para as despesas do Jantar. Se, no final, houver saldo, reverterá para as obras de construção da nova igreja.

Visita mensal aos doentes: Na próxima 4.ª feira, dia 27, na parte da tarde, o pároco fará a habitual visita aos doentes, levando também a Sagrada Comunhão aos que a pedirem.

Cursilho de Cristandade: Na próxima 4.ª feira, dia 27, às 19 h., inicia-se no Centro Pastoral Paulo VI, em Darque, mais um Cursilho de Cristandade da nossa Diocese de Viana do Castelo, desta vez para Senhoras.

(Continua na pág. 4)

Entre Ruínas

Por: António Rego

(Continuação da 1.ª pág.)

Aqui se abre outro capítulo: foram destruídas muitas casas que nunca mereceram esse nome. Testemunhamos violência e desespero em momentos extremos. Assistimos a gestos de ternura e humanidade mais notórios nestes momentos. Chegaram olhares de solidariedade do mundo inteiro que foi assinando a evolução da tragédia a par de gestos sublimes que ela suscitou de abnegação e heroísmo. Atrasadas para a urgência, foram e vão chegando sinais de ajuda, fraternidade, renúncias dum mundo que tantas vezes parece leviano mas que tem momentos – quantas vezes na sequência de tragédias – em que traz ao de cima a humanidade que o habita.

O Haiti vai ressurgir das cinzas. A intensidade do sofrimento é excessiva para justificar a reconstrução dum país. Mas é mais uma paradoxal lição para a humanidade. A fé, em vez de obstáculo para todo este cenário, oferece a chave de redenção que insere nas contas e no tempo de Deus o que queremos encaixar apenas nos nossos cálculos imediatos. E na acção concreta dos homens. Com as energias de ressurreição que estão no íntimo de todos nós.

E um apelo, para que o Haiti e todos os Haitis do mundo sejam conhecidos e amados por outras razões que não a tragédia.